

A primeira vez que eu ouvi falar na teoria dos triângulos, se a memória não me falha, foi no final dos anos 80 pelo Jorge Araújo. Penso que na sequência dum estágio realizado nos Utah Jazz, onde pontificavam jogadores como o John Stockton, Karl Malone e Mark Eaton,

treinados por Frank Layden,  o professor Jorge Araújo realizou uma acção de formação nos pavilhão dos Salesianos do Porto, na qual estive presente.

Esta recordação, da minha deslocação ao Porto, veio-me à memória ao ver a série Last Dance, que tenho vindo a acompanhar na Netflix. Das muitas questões que a série aborda, a que até ao momento mais me chamou à atenção, foi as duas filosofias em torno das quais os treinadores, primeiro Doug Collins e posteriormente Phill Jackson construíram a equipa do Chicago Bulls. Enquanto com Doug Collins a equipa trabalhava para a sua estrela, o emergente  Michael Jordan, com Phill Jackson, com base na teoria do triângulos era privilegiado um jogo mais colectivo, mas no qual o Michael Jordan continuou a ter muito espaço para brilhar.

Pessoalmente prefiro sempre opções do colectivo, em que a estrelas tenham espaço para bilhar, a opções em que o colectivo trabalha para uma estrela. Contudo nas equipas seniores em que a finalidade da competição é a vitória, há espaço para estas duas opções.

Já nos escalões mais novos é para mim errado construir uma equipa em função do jogador mais forte. Contudo na minha longa experiência já assisti a muitos casos desses. Se nos escalões de formação considero que tal não deve ser feito, no minibásquete, como também já vi fazer, considero um verdadeiro absurdo. Nas minhas acções de formação já tenho contado algumas dessas situações às quais presenciei. Talvez algum dia relate essas estórias aqui no Planeta Basket.